

Por uma teologia que leve a igreja à tristeza segundo Deus

Ziel Machado



Aproximo-me do tema do racismo de forma muito humilde, reconheço de que há muitas vozes mais preparadas para este debate. Chego como alguém disposto a ouvir, a aprender. Sobre a dimensão teológica deste debate, considero ser muito importante o lugar onde nasce este esforço teológico de compreensão do tema, no qual a dor é a grande marca. Portanto, fui às cartas que Paulo escreveu na prisão, uma teologia pastoral que nasce marcada pela implicações da obediência ao Senhor.

Na carta aos Filipenses, escrita aproximadamente no ano 62, ele faz algumas afirmações que nos ajudam a entrar neste tema. No versículo 6 do capítulo 1 ele diz: "Eu tenho certeza que aquele que começou a boa obra em você irá completá-la até o dia em que Cristo Jesus vai voltar". Tomo esta palavra como uma advertência para que, o meu esforço de compreensão teológica do tema, esteja em sintonia com esta boa obra que Cristo começou em nós e, Ele mesmo, vai completar. Sendo assim, não se trata de um esforço no qual estamos sozinhos. Estaremos movidos por aquilo que Cristo está fazendo em nós.

Mais à frente, Paulo diz assim: "Eu oro para que o amor de vocês transborde" (v. 9). Este seria um bom alvo para este esforço teológico, a saber: que o mesmo resulte em mais amor. Um amor que nos permita "crescer em conhecimento e discernimento". Um amor que nos permita viver "de um modo puro. Sem culpa, até que Cristo volte". Que nos faça "sempre cheios do fruto da justiça". Estas realidades espirituais são fundamentais para tratar deste tema, pois se trata de "frutos da justiça que vêm por meio de Jesus Cristo para glória e louvor de Deus".

O tema do racismo para mim, antes de ter sido um problema teológico, foi um problema existencial. Sou fruto de uma família mestiça, bisneto da Joaquina, que foi escrava e morreu quando eu tinha 8 anos de idade. Cresci numa família mestiça, brancos e negros. Minha bisavó Joaquina educou seus filhos, netos e bisnetos na lógica do branqueamento. Ela tinha muito medo de que a lei voltasse atrás e seus descendentes acabassem sofrendo como seus antepassados e ela mesma sofreram.

Na minha experiência pessoal, no contexto da família, o racismo ou temas relacionados à escravidão foram um silêncio absoluto. A

gente notava alguns comentários depreciativos e jocosos que depois eu pude identificar como sendo um tipo de racismo; o racismo recreativo. À medida que minha família conseguia socialmente atingir novos patamares fui me deparando com essa crise do brasileiro cordial.

Cresci numa igreja de periferia onde a questão do racismo também não era tratada, era um silêncio muito grande em relação a este e a muitos outros temas. Basicamente, nossa preocupação era o céu, era povoar o céu. Era uma igreja também mestiça. Pouco a pouco à medida que fui amadurecendo, estudando, isso se tornou um problema teológico para mim. E o problema teológico surgiu primeiro por causa do silêncio da igreja: “Por que o silêncio da igreja num tema tão fundamental?”.

Depois, eu me escandalizei porque, além do silêncio, havia uma adesão a essa lógica racista. Por que a minha herança evangélica aderiu a essa situação? Até que, na década de 1980, já na juventude, deparei-me com uma situação na qual eu vi no ambiente da igreja um discurso racista dirigido a mim e a outras pessoas. Aí fiquei com estes três problemas teológicos: o silêncio da herança evangélica, a adesão e, para piorar, a prática e justificativa explícita do racismo. Três condutas inconcebíveis para a fé cristã.

Desde que me tornei consciente disso, passei por um processo de enegrecer o meu pensamento, tentar conectar-me com esta parte de minhas raízes e pensa-la em relação a minha fé. Decidir me educar no tema do racismo e para isso, tenho ouvido muitas vozes dentro do cenário cristão, autores e autoras que podem me ajudar a entender a minha perspectiva cristã em relação ao racismo.

Um dos desafios que percebo para a teologia é do reencontro com a história. Nós precisamos nos educar sobre o racismo para poder entender a profundidade desta realidade e, assim, ancorar nosso esforço teológico na realidade da dor que a história nos conta, uma dor ainda presente, ainda vigente. É preciso instruir a nossa teologia com a história para conectar com as raízes dos nossos problemas.

Faço uma distinção aqui entre a confissão da fé cristã e a experiência histórica da comunidade cristã. São duas coisas que, ao longo da história, nem sempre estiveram coerentes e unidas, uma a outra. Uma coisa foi a experiência histórica da comunidade cristã com relação a esse tema, outra coisa é o que entendemos ser a confissão da fé cristã em relação ao ser humano, embora seja, também um fato histórico, a convivência e a promoção do racismo por determinadas formulações “cristãs”. Entender estas

discrepâncias faz parte do desafio para entender o problema em questão. Por exemplo, como é que uma fé cristã, que é baseada no amor a Deus e no amor ao próximo, falhou no esforço de curar estas mazelas sociais? Como é que a experiência histórica da comunidade cristã acabou relacionada a um sistema escravocrata? Como é que, determinadas formas de compreender a fé cristã sustentou, se tornou conivente, cúmplice e promotora da segregação? São perguntas com dimensões teológicas, mas profundamente enraizadas na história sobre a qual é preciso pensar seriamente.

Sendo assim, ousar propor um acercamento teológico que comece com a crítica, com a autocrítica. Temos que começar a revisar as tentativas de mordidas que a igreja “colocou” na Palavra de Deus e, de forma irreverente, “tentou” colocar no próprio Deus, tornando-se conivente, cúmplice e silenciosa diante deste ultraje da escravidão moderna e de tudo que resultou desta experiência.

A segunda coisa que gostaria de propor ao nosso esforço de compreensão teológica é a humildade. É preciso ouvir, reeducar-se nesta questão; precisamos entender o que aconteceu. É preciso trazer para o centro da conversa aqueles que estiveram à margem o tempo todo, aqueles que foram silenciados,

aqueles que têm as cicatrizes em seus corpos, em suas almas. Precisamos de uma teologia que ouve atentamente a Deus, mas que ouve atentamente aqueles que têm sido sujeitos desta história.

Sugiro também uma teologia que trabalha a dimensão do experimento, que se proponha a uma inovação pastoral contínua, que saiba lidar com as consequências desta escuta. Temos de dar respostas novas para esses problemas antigos, porque as respostas que temos dado não são adequadas.

Proponho audácia. Precisamos lidar com o racismo estrutural de forma audaciosa. É urgente que tenhamos propostas adequadas para lidar com esse problema.

Proponho uma teologia que nos leve à tristeza. Nós precisamos nos entristecer. Falo daquela tristeza segundo Deus, à que Paulo se refere: “A tristeza segundo Deus produz um arrependimento que leva à salvação e não remorso, mas a tristeza segundo o mundo produz morte” (2Co 7.10, NVI). Essa teologia deve levar a igreja à contrição, à tristeza profunda segundo Deus que produza arrependimento e nos leve à salvação. Uma tristeza que produza em nós o que produziu em Zaqueu (Lc 19.8). Quando ele se confronta com Cristo e se arrepende e se entristece, e decide dar a metade dos seus bens aos pobres; e

devolver, quatro vezes mais, o que ele extorquiui. Uma tristeza assim pode resultar em um conjunto de respostas diferentes ao problema. Tem o potencial de mostrar o caminho para uma sociedade mais ampla na prática da restituição e das reparações. Contudo não nos esqueçamos do fato, é preciso um real encontro com Jesus Cristo. Nosso anúncio do Evangelho deve trazer as pessoas a Cristo, e as pessoas devem entender as implicações deste encontro, em todas as áreas da vida.

A nossa prática cristã precisa mudar o foco. Geralmente o foco da nossa vida cristã está no centro, nos poderosos, na fama, no status. Nos Evangelhos vemos a Jesus prestando atenção com a realidade que está a margem. O que está à margem que nossa experiência cristã não toma em conta? Temos que fazer uma teologia que lide seriamente com o que está a margem, encontrando-se com a dor que nossos olhos não veem.

Temos a responsabilidade de, em nosso esforço teológico, de incluir aqueles que excluídos. Incluir de forma adequada, de forma adulta. Não podemos esquecer que vivemos numa sociedade que marginaliza, exclui e produz banidos. Uma sociedade excludente impõe desafios ao nosso pensar teológico. Uma igreja "ajustada" a este modelo de sociedade não ouve, não integra

e não será capaz de fazer uma teologia que tome em sério a história, as vidas e as dores deste mundo. Vamos pregar um Cristo que se encarnou, evitando, nós mesmos, ao desafio da encarnação.

Se temos o desafio do foco, o desafio da inclusão, temos também o desafio da restauração pela compaixão. É impressionante ver Jesus, nos Evangelhos, expressando modelos de compaixão por meio da atenção, do toque, da fala, da conversa. Falar, tocar, ouvir são modelos concretos de misericórdia.

Começemos a partir do pequeno, redefinamos nossos centros, assumamos a tarefa de incluir e começemos a lidar seriamente com a questão dos nossos modelos pastorais de misericórdia.

Tenho esperança de que essa tristeza, segundo Deus, seja uma tristeza que produza em nós: vida, salvação. Não é possível lidar com esse tema difícil sem o entristecimento adequado porque é isso que produzirá em nós, a disposição para restaurar, reparar, restituir, para fazer aquilo que é adequado. A teologia de mãos dadas com a história nos ajudará a entender e a nos educar sobre o que de fato aconteceu e vem acontecendo. E então poderemos ouvir a Deus, por meio de sua Palavra, ouvir o mundo e, juntando essas duas coisas ter

uma teologia que nasce da Revelação de Deus em sua Palavra e se encarna na história para trazer curar a todas nossas dores. Uma teologia que nos faça de fato amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Quero animar a que nos unamos na luta contra o racismo, onde quer que ele se manifeste, inclusive, como tem sido a minha experiência, quando se manifeste em nós mesmos. A graça do Senhor é maior que esta dor, ela pode nos restaurar e mudar a nossa história.